

Moscou Feliz (Excerto)

Cássio de Oliveira*

Resumo: *Apresentação, tradução e notas sobre Moscou Feliz (Sbástl'ivaia Moskévá), que ocupa uma posição única entre as obras de Andrei Platónov (1899-1951), autor dos romances Tchevengur e Kotlovan (A Escavação da fundação), admirado por escritores como Joseph Brodsky, Tatiana Tolstáia, e Elif Batuman, porém praticamente desconhecido no Brasil.*

Palavras-chave: *Tradução; Literatura Russa; Andrei Platonov*

Apresentação

Moscou Feliz (Sbástl'ivaia Moskévá) ocupa uma posição única entre as obras de Andrei Platónov (1899-1951), o autor dos romances *Tchevengur* e *Kotlovan (A Escavação da fundação)*, admirado por escritores como Joseph Brodsky, Tatiana Tolstáia, e Elif Batuman, porém praticamente desconhecido no Brasil. Escrito durante a primeira metade da década de 1930 e publicado somente em 1991, *Moscou Feliz* se assemelha mais a uma novela ou *póviest'* na tradição literária russa, mas é normalmente considerado um romance devido ao desenvolvimento mais elaborado da narrativa. O consenso é que *Moscou Feliz* é um romance inacabado, o que quer dizer que o que segue abaixo é um *excerto* de um *fragmento*. O caráter inacabado do romance, seu namoro com o conceito da “obra aberta” de Umberto Eco, somente contribui para o seu fascínio, já que, de certa forma, os impulsos e aspirações de seus protagonistas refletem o clima utópico dos primeiros Planos Quinquenais de Stálin – uma utopia que, como o próprio romance, é interrompida bruscamente durante a segunda metade da década de 1930, com os Grandes

* Professor-Assistente de Russo na Portland State University. E-mail: cassio@pdx.edu

Expurgos e a ansiedade que precedem a Segunda Guerra Mundial e a invasão nazista da União Soviética em 1941.

A outra fonte da fascinação de *Moscou Feliz* consiste no estilo inusitado de Andrei Platónov, conhecido daqueles que leram a tradução (de Denise Sales) de “Makar, o duvidador” publicada na *Nova Antologia do Conto Russo* (2011). Na introdução àquele conto, Bruno Gomide, o organizador da coletânea, define bem as características da arte de Platónov que tornam a tradução de suas obras tão difícil e ao mesmo tempo tão gratificante: “publicado e censurado alternadamente, [Platónov] permanece fiel a uma forte e idiossincrática noção utópica do comunismo, ao mesmo tempo em que cria um universo da estranheza e da ambiguidade, que impõe os mais complexos desafios a seus tradutores” (GOMIDE, 2011, p. 487). No caso de *Moscou Feliz*, a estranheza e ambiguidade já começam com seu título, que é uma referência, obviamente, à capital soviética na qual a trama se desenrola, mas também à protagonista do romance, uma órfã que adquire esse nome em homenagem à capital do comunismo: em russo, Moscou é um substantivo feminino terminado em –a, daí que o nome da personagem, ainda que estranho, é gramaticamente aceitável.

A julgar pelo título, o leitor imaginaria que este é um romance sobre uma pessoa (Moscou) ou uma cidade (Moscou) onde reina a felicidade; de fato, em 1935, Stálin declararia em um discurso que “A vida melhorou, a vida ficou mais feliz” desde a implementação do comunismo. Porém, como já o primeiro capítulo de *Moscou Feliz* demonstra, ninguém está feliz neste romance; todos – e Moscou acima de tudo – estão, de fato, à procura de uma felicidade que eles mal podem definir ou entender.

A alusão à felicidade, condição tão fundamental aos seres humanos, mas nem sempre dependente do regime político ou da situação econômica nos quais eles se encontram, antecipa o principal desafio que um texto de Platónov impõe a seus tradutores: este é um texto que lida com uma realidade material bastante específica, mas que sempre almeja descrever uma realidade espiritual e atemporal, mas ainda assim vinculada ao mundo concreto, e até derivada dele. A solução para Platónov é uma combinação inesperada, e às vezes completamente desconcertante, do mundo físico com o mundo das ideias, de substantivos concretos com substantivos abstratos, de jargões comunistas com expressões de cunho filosófico. Um texto de Platónov se assemelha, às vezes, a algo que um poeta metafísico que tivesse acabado de ler “O Manifesto Comunista” seria capaz de escrever: objetos e condições físicas afetam o espírito, e conceitos abstratos, como a felicidade ou a saudade, são algo que se desenvolve dentro do corpo e que se beneficia de nutrientes ou do exercício.

Um exemplo dessa confusão aparece logo no primeiro parágrafo, onde o texto russo lê “*pâmiat’ i um rânnego diêtstva zârosli v eîô tiêle navsegdá posleduiuchêi gîzn’iu*” («память и ум раннего детства заросли в её теле навсегда последующей жизнью»), que eu traduzo como “no seu corpo, a memória e a mente da primeira infância foram cobertas para sempre por sua vida posterior”. A palavra-chave desta frase é o verbo *zarastí*, que significa “cobrir-se” com alguma coisa, por exemplo quando um campo abandonado se cobre de mato, quando a pele cobre uma ferida aberta, ou ainda, em animais, quando cabelos, pelos, ou penas cobrem uma parte do corpo. Aqui, Platónov parece usar o verbo metaforicamente, sugerindo que Moscou esqueceu suas experiências primordiais depois de ter crescido. Mas o leitor atento logo nota que isso não é uma metáfora normal, ou que uma tradução que simplesmente “explicasse” o original não seria capaz de reproduzir as características formais do texto que o tornam tão complicado também em russo. Em primeiro lugar, não é só a memória que se perde, mas também *a mente*: *um*, também traduzido como “razão” ou “intelecto”, uma palavra que, em russo, ainda que denote uma qualidade abstrata, mantém um vínculo mais forte com o mundo material por representar a capacidade de pensar e raciocinar mais que somente a inteligência em si. (A inteligência como qualidade abstrata é normalmente representada pela palavra *râzum*, que normalmente significa o exercício intelectual, a conjecturação, sem se obter necessariamente resultados concretos). Em segundo lugar, todas essas operações descritas pelo narrador estão acontecendo no *corpo* de Moscou, como se a memória e a mente tivessem uma localização física bastante específica. Daí que a locução “no seu corpo”, que, devido a convenções e regras do russo, segue o verbo no original, precisou ser enfatizada na tradução e, por isso, precede a frase inteira.

O corpo humano (e, a propósito, o animal também) em Platónov está cheio, não só de vida, mas de impulsos que frequentemente são independentes da vontade daquela pessoa: alguns parágrafos abaixo, quando Moscou completa seus estudos, suas mãos “ansiavam por trabalhar” (“*tomilis’ po dêiatel’ností*”, «гомились по деятельности»), mas, frustradas em razão do casamento de Moscou, somente “começaram a abraçar” (“*stáli obnimát’sia*”, «стали обниматься»). Platónov, como esse exemplo evidencia, utiliza intensamente a prosopopeia, com dezenas de ações perpetradas por sentimentos, partes do corpo, ou seres inanimados. As mãos de Moscou se assemelham a uma máquina encarregada de repetir uma só operação (“abraçar”) – e vale lembrar que a metáfora do corpo humano como máquina se tornara um lugar-comum durante as primeiras décadas da União Soviética. A diferença, para Platónov, é que até essa máquina é dotada de desejos e ânsias. Aqui, por sinal, encontra-se mais um problema de tradução: em russo, a palavra *ruká*

significa tanto a mão quanto o braço. Enquanto a primeira locução verbal acima funciona melhor com as “mãos” (pensa-se, por exemplo, na expressão “mãos à obra”), a segunda locução faria mais sentido se “braços” fossem utilizados. Decidi por “mãos” em ambos os casos, de modo a manter o paralelismo, e também de modo a enfatizar a bizarrice da imagem que Platónov constrói: mãos, dotadas de vontade própria, sendo forçadas a fazer algo que não lhes convém.

A combinação inusitada do impulso utópico com os desejos (incluindo desejos sexuais) mais recônditos e incompreensíveis constitui o problema fundamental abordado por Platónov em todas as suas obras. O excerto abaixo, e *Moscou Feliz* em geral, oferece um dos exemplos mais contundentes dessa complexa visão do mundo e, mais importante, da linguagem única que Platónov utiliza para transmitir essa visão. Na tradução para o português eu tentei, ao máximo, reproduzir esse senso de estranhamento (a famosa *ostraniénie* de Viktor Chklóvski) que impregna o texto russo. Para usar o conhecido termo elaborado por Lawrence Venuti, meu intuito com esta tradução foi o de criar uma forma de “estrangeirização” (*foreignization*). Porém essa estrangeirização não quer dizer simplesmente que eu almejei reproduzir estruturas ou formas da língua russa no texto em português, ou seja, que tentei enfatizar o caráter estrangeiro e “imigrante” do texto. Meu intuito principal foi um pouco diferente: reproduzir, no texto em português, os *desvios* da norma que caracterizam o texto em russo de Platónov. O julgamento dessa empreitada deixo a cargo dos leitores.¹

Moscou Feliz (Andrei Platónov)

1.

Um sujeito sombrio, carregando uma tocha ardente, corria pela rua em uma melancólica noite de fim de outono. Uma garotinha, tendo acordado como resultado de um triste sonho, o viu da janela de sua casa. Depois ela ouviu o forte estampido de uma arma de fogo e um triste, pobre grito: provavelmente assassinaram o fugitivo da tocha ardente. Logo se ouviram muitos tiros longínquos e os rumores do povo na prisão ali perto... A garota adormeceu e depois, noutros dias, esqueceu tudo que vira: ela era jovem demais e, no seu corpo, a memória e a mente da primeira infância foram cobertas para sempre por sua vida posterior.

1 Expresso minha gratidão a Cynthia Sloan, que leu o manuscrito da tradução e fez várias sugestões que muito me ajudaram no processo de revisão do texto.

Porém, até seus anos tardios, inesperada e tristemente, para ela o sujeito incógnito se levantaria e fugiria sob a pálida luz da memória, e novamente morreria na escuridão do passado, no coração da criança crescida. Entre a fome e o sono, no momento do amor ou de alguma outra jovem alegria, subitamente e de longe, o desesperado grito do morto ecoaria novamente nos recônditos de seu corpo, e a vida da jovem mulher se alteraria imediatamente: ela interromperia a dança, se estivesse dançando, trabalharia mais auspiciosa e compenetradamente, se estivesse labutando, cobriria o seu rosto com as mãos, se estivesse sozinha. Naquela noite de intempéries do fim do outono começara a Revolução de Outubro – naquela cidade, onde naquela época morava Moscou Ivánovna Tchêstnova.

Seu pai morreria de tifo, e a menina, faminta e órfã, saíra de casa e nunca mais voltara. Sua alma tendo adormecido, sem se lembrar nem de pessoas, nem do espaço, por alguns anos ela vagou e se alimentou pela pátria, como no deserto, até ter acordado no orfanato e na escola. Ela se sentava na carteira à janela, na cidade de Moscou. No bulevar as árvores já pararam de crescer, e, sem a força do vento, as folhas caíam e cobriam a terra que havia sido calada em preparação para um longo sono; era o fim do mês de setembro daquele ano em que todas as guerras acabaram, e o transporte público começou a se reestabelecer.

A garota Moscou Tchêstnova já estava no orfanato havia dois anos; foi lá que lhe deram um nome, um sobrenome, e até um patronímico, porque a menina se lembrava muito indefinidamente de seu nome e de sua primeira infância. Ela achava que seu pai a chamava de Olia, mas ela não tinha certeza disso e se calava, como anônima e desconhecida, como aquele sujeito noturno que havia morrido. Então lhe deram um nome em honra de Moscou, patronímico em memória de Ivan – típico soldado russo do Exército Vermelho, morto no campo de batalha – e sobrenome como sinal da honradez de seu coração², que ainda não havia sucedido em se tornar desonrado, ainda que já fosse há muito tempo infeliz.

A vida clara e ascendente de Moscou Tchêstnova começara a partir daquele dia de outono, quando ela se sentava perto da janela na escola, já na segunda classe, observava a morte das folhas secas no bulevar, e lera com interesse a tabuleta no prédio do outro lado da rua: “Biblioteca e sala de leitura proletário-camponesa A. V. Koltsóv³”. Antes da última aula, deram para todas as crianças, pela primeira vez na vida delas, um pãozinho com um croquete e batata para cada uma, e ex-

2 A palavra *tblést'*, a partir da qual o sobrenome de Moscou é criado, significa “honra” em russo.

3 Aleksêi Vasilievitch Koltsóv (1809-1842), poeta russo natural de Vorônij, a mesma cidade onde nasceu Platónov.

plicaram de onde vêm os croquetes – das vacas. Imediatamente deram a todas as crianças um dever de casa para o dia seguinte: escrever uma redação sobre uma vaca, quem as viu, e também sobre a sua própria vida futura. De noite Moscou Tchêstnova, tendo se saciado com o pãozinho e o croquete cheio, escreveu uma redação na mesa coletiva, quando todas as suas amigas já dormiam e a fraca luz elétrica estava acesa. “O conto da garotinha sem pai nem mãe sobre a sua vida futura: Atualmente estão nos ensinando a raciocinar, e a razão está na nossa cabeça, não há nada fora dela. É necessário viver verdadeiramente trabalhando duro, eu quero viver a vida futura, tomara que tenha biscoitos, geleia, bombons e que seja sempre possível passear pelo campo entre as árvores. Senão eu não vou viver, se for assim, eu não quero por causa do meu humor. Eu quero viver habitualmente com felicidade. Não tenho mais nada a dizer.”

Moscou em seguida fugiu da escola. Um ano mais tarde ela foi mandada de volta e foi envergonhada na assembleia pública, onde disseram que ela, como filha da revolução, agia sem disciplina e sem ética.

– Eu não sou filha, eu sou órfã! – Moscou então respondeu e novamente começou a estudar com aplicação, como se nunca tivesse se ausentado.

Por natureza ela gostava, acima de tudo, do vento e do sol. Ela adorava se deitar em algum lugar na grama e ouvir como o vento, como uma pessoa invisível e cheia de saudade, zune no meio do mato; e ver as nuvens de verão, flutuando ao longe, sobre todos os países e povos desconhecidos; como resultado da observação das nuvens e do espaço Moscou era acometida de palpitação do coração, como se seu corpo fosse elevado às alturas e lá abandonado por sua conta. Depois ela passeava pelos campos, pela terra ruim e simples, e, diligentemente e com cuidado, tudo observava atentamente e de perto, somente agora se familiarizando com a vida no mundo e se alegrando com o fato que aqui tudo combina com ela – com seu corpo, coração, e liberdade.

Ao completar seu nono ano de estudos Moscou, como toda pessoa jovem, começou inconscientemente a procurar um caminho para o seu futuro, para a feliz aglomeração humana; suas mãos ansiavam por trabalhar, seu sentimento buscava orgulho e heroísmo, em sua mente triunfava com antecipação um destino ainda misterioso, porém elevado. A Moscou de dezessete anos não podia entrar em lugar nenhum sozinha, ela esperava um convite, como se estivesse valorizando em si mesma o dom da juventude e da força amadurecida. Por isso ela se tornara solitária e estranha por um tempo. Um sujeito acidental um dia conheceu Moscou e a persuadiu com seu sentimento e gentileza – daí Moscou Tchêstnova se casou com ele, para sempre e de uma só vez tendo estragado seu corpo e sua

juventude. Suas mãos grandes, apropriadas para a atividade corajosa, começaram a abraçar; seu coração, à procura do heroísmo, começou a amar somente uma pessoa astuciosa, que se agarrou a Moscou como ao seu patrimônio indispensável. Porém em uma certa manhã Moscou sentiu tamanha exaustiva vergonha de sua vida, sem saber com certeza de que ela sentia vergonha, que ela deu um beijo de adeus na testa de seu marido a dormir e deixou o quarto, sem nem levar consigo um outro vestido. Ela passeou pelos bulevares e às margens do rio Moscou até o cair da tarde, sentindo somente o vento (sinal de uma pequena intempérie de setembro) e, como que vazia e cansada, sem pensar em nada.

De noite ela queria se esconder para o pernoite em uma caixa em algum lugar, queria achar um quiosque alimentício vazio da Mostrop⁴ ou ainda qualquer outra coisa, como ela costumava agir anteriormente, durante sua infância vagabundante, mas ela notou que já há muito tempo se tornara grande e não conseguiria caber em lugar nenhum sem ser vista. Ela se sentou num banco na escuridão de um bulevar tardio e cochilou, ouvindo como por perto vagabundeavam e murmuravam ladrões e arruaceiros mendicantes.

À meia-noite naquele mesmo banco se sentou uma pessoa insignificante, tomada de uma esperança secreta e conscienciosa de que, talvez, essa mulher viesse amá-lo repentinamente e por conta própria, visto que ele não seria capaz de extrair o amor dela com persistência; ele não estava essencialmente à procura, nem da beleza de um rosto, nem da formosura de um corpo. Ele estava disposto a tudo e a sacrificar o que fosse no tocante a si mesmo, contanto que alguma pessoa respondesse a ele com um sentimento genuíno.

- Do que o senhor precisa? – Moscou, tendo acordado, perguntou a ele.
- Eu não preciso de nada, – essa pessoa respondeu. – Simplesmente assim.
- Eu quero dormir, e não tenho para onde ir, – disse Moscou.

A pessoa imediatamente lhe informou possuir um quarto, mas que, de modo a evitar quaisquer suspeitas concernentes às suas intenções, era melhor que Moscou alugasse um quarto de hotel e lá durmisse bem, enrolada em um lençol numa cama limpa. Moscou concordou, e eles partiram. No caminho, Moscou pediu que seu companheiro lhe arranjasse estudos em algum lugar com comida e um dormitório.

4 *Moskóvskii trést obshchestvennogo pitaniia* («Московский трест общественного питания»), ou “Truste moscovita de alimentação social”, concessionária estatal encarregada dos supermercados e mercearias na Moscou dos anos 1920. Em 1933, se incorporou à companhia estatal “Gastronom”, e o termo – um tanto estranho até em russo, onde tais siglas se tornaram bastante comuns depois da Revolução – caiu em desuso.

– E o que você ama acima de tudo? – ele perguntou.

– Eu amo o vento no ar livre e algumas outras coisas mais, – Moscou disse, fatigada.

– Então você vai para o instituto de aeronáutica, nada mais serve para você, – decidiu o acompanhante de Moscou. – Vou ver o que eu posso fazer.

Ele arranjou um quarto de hotel para ela na Hospedaria de Minin, pagou adiantado por três dias, e lhe deu trinta rublos para se alimentar. Ele mesmo foi para casa, levando consigo sua consolação.

Cinco dias mais tarde Moscou Tchêstnova, graças aos seus cuidados, começou a estudar no instituto de aeronáutica e se mudou para o dormitório.

Счастливая Москва (Андрей Платонов)

1

Темный человек с горящим факелом бежал по улице в скучную ночь поздней осени. Маленькая девочка увидела его из окна своего дома, проснувшись от скучного сна. Потом она услышала сильный выстрел ружья и бедный грустный крик — наверно убили бежавшего с факелом человека. Вскоре послышались далекие, многие выстрелы и гул народа в ближней тюрьме... Девочка уснула и забыла все, что видела потом в другие дни: она была слишком мала, и память и ум раннего детства заросли в ее теле навсегда последующей жизнью. Но до поздних лет в ней неожиданно и печально поднимался и бежал безымянный человек — в бледном свете памяти — и снова погибал во тьме прошлого, в сердце выросшего ребенка. Среди голода и сна, в момент любви или какой-нибудь другой молодой радости — вдруг вдалеке, в глубине тела опять раздавался грустный крик мертвого, и молодая женщина сразу меняла свою жизнь — прерывала танец, если танцевала, сосредоточенней, надежней работала, если трудилась, закрывала лицо руками, если была одна. В ту ненастную ночь поздней осени началась октябрьская революция — в том городе, где жила тогда Москва Ивановна Честнова.

Отец ее скончался от тифа, а голодная осиротевшая девочка вышла из дома и больше назад не вернулась. С уснувшей душой, не помня ни людей, ни пространства, она несколько лет ходила и ела по родине, как в пустоте, пока не очнулась в детском доме и в школе. Она сидела за партой у окна, в городе Москве. На бульваре уже перестали расти деревья, с них без ветра падали листья и покрывали умолкшую землю — на долгий сон грядущий;

был конец сентября месяца и тот год, когда кончились все войны и транспорт начал восстанавливаться.

В детском доме девочка Москва Честнова находилась уже два года, здесь же ей дали имя, фамилию и даже отчество, потому что девочка помнила свое имя и раннее детство очень неопределенно. Ей казалось, что отец звал ее Олей, но она в этом не была уверена и молчала, как безымянная, как тот погибший ночной человек. Ей тогда дали имя в честь Москвы, отчество в память Ивана — обыкновенного русского красноармейца, павшего в боях, — и фамилию в знак честности ее сердца, которое еще не успело стать бесчестным, хотя и было долго несчастным.

Ясная и восходящая жизнь Москвы Честновой началась с того осеннего дня, когда она сидела в школе у окна, уже во второй группе, смотрела в смерть листьев на бульваре и с интересом прочитала вывеску противоположного дома: «Рабоче-крестьянская библиотека-читальня имени А.В.Кольцова». Перед последним уроком всем детям дали в первый раз их жизни по белой булке с котлетой и картофелем и рассказали, из чего делаются котлеты — из коров. Заодно велели всем к завтрашнему дню написать сочинение о корове, кто их видел, а также о своей будущей жизни. Вечером Москва Честнова, наевшись булкой и густой котлетой, писала сочинение за общим столом, когда все подруги ее уже спали и слабо горел маленький электрический свет. «Рассказ девочки без отца и матери о своей будущей жизни. — Нас учат теперь уму, а ум в голове, снаружи ничего нет. Надо жить по правде с трудом, я хочу жить будущей жизнью, пускай будет печенье, варенье, конфеты и можно всегда гулять в поле мимо деревьев. А то я жить не буду, если так, мне не хочется от настроения. Мне хочется жить обыкновенно со счастьем. Вдобавок нечего сказать».

Из школы Москва впоследствии сбежала. Ее вернули снова через год и стыдили на общем собрании, что она как дочь революции поступает недисциплинированно и неэтично.

— Я не дочь, я сирота! — ответила тогда Москва и снова стала прилежно учиться, как не бывшая нигде в отсутствии.

Из природы ей нравились больше всего ветер и солнце. Она любила лежать где-нибудь в траве и слушать о том, что шумит ветер в гуще растений, как невидимый, тоскующий человек, и видеть летние облака, плывущие далеко над всеми неизвестными странами и народами; от наблюдения облаков и пространства в груди Москвы начиналось сердцебиение, как будто ее тело было вознесено высоко и там оставлено одно. Потом она ходила по

полям, по простой плохой земле и зорко, осторожно всматривалась всюду, еще только осваиваясь жить и радуясь, что ей здесь все подходит — к ее телу, сердцу и свободе.

По окончании девятилетки Москва, как всякий молодой человек, стала бессознательно искать дорогу в свое будущее, в счастливую тесноту людей; ее руки томилась по деятельности, чувство искало гордости и героизма, в уме заранее торжествовала еще таинственная, но высокая судьба. Семнадцатилетняя Москва не могла никуда войти сама, она ждала приглашения, словно ценила в себе дар юности и выросшей силы. Поэтому она стала на время одинокой и странной. Случайный человек познакомился однажды с Москвой и победил ее своим чувством и любезностью, — и тогда Москва вышла за него замуж, навсегда и враз испортив свое тело и молодость. Ее большие руки, годные для смелой деятельности, стали обниматься; сердце, искавшее героизма, стало любить лишь одного хитрого человека, вцепившегося в Москву, как в свое неперемное достояние. Но в одно утро Москва почувствовала такой томящий стыд своей жизни, не сознавая точно, от чего именно, что поцеловала спящего мужа в лоб на прощанье и ушла из комнаты, не взяв с собой ни одного второго платья. До вечера она ходила по бульварам и по берегу Москвы-реки, чувствуя один ветер сентябрьской мелкой непогоды и не думая ничего, как пустая и усталая.

Ночью она хотела залезть на ночлег куда-нибудь в ящик, найти порожнюю пищевую будку Мостропа или еще что-либо, как поступала она прежде в своем бродячем детстве, но заметила, что давно стала большая и не влезет незаметно никуда. Она села на скамью в темноте позднего бульвара и задремала, слушая, как бродят вблизи и бормочут воры и бездомовные хулиганы.

В полночь на ту же самую скамью сел незначительный человек, с тайной и совестливой надеждой, что может быть эта женщина полюбит его внезапно сама, поскольку он не мог по кротости своих сил настойчиво добиваться любви; он в сущности не искал ни красоты лица, ни прелести фигуры — он был согласен на все и на высшую жертву со своей стороны, лишь бы человек ответил ему верным чувством.

— Вам чего? — спросила его проснувшаяся Москва.

— Мне ничего! — ответил этот человек. — Так просто.

— Я спать хочу, и мне негде, — сказала Москва.

Человек сейчас же заявил ей, что у него есть комната, но во избежание подозрений в его намерениях — лучше ей снять номер в гостинице и там

проспать в чистой постели, закутавшись в одеяло. Москва согласилась, и они пошли. По дороге Москва велела своему спутнику устроить ее куда-нибудь учиться — с пищей и общежитием.

— А что вы любите больше всего? — спросил он.

— Я люблю ветер в воздухе и еще разное кое-что, сказала утомленная Москва.

— Значит — школа воздухоплавания, другое вам не годится,

— определил сопровождающий Москву человек. — Я постараюсь.

Он нашел ей номер в Мининском Подворье, заплатил вперед за трое суток и дал на продукты тридцать рублей, а сам пошел домой, унося в себе свое утешение.

Через пять дней Москва Честнова посредством его заботы поступила в школу воздухоплавания и переехала в общежитие.

Referências

GOMIDE, Bruno Barretto (ed.). *Nova Antologia do Conto Russo (1792-1998)*. São Paulo: Editora 34, 2011.